

O sambaqui na visão dos cronistas

The shell mounds as viewed by chroniclers

CHARLES BONETTI*

Resumo: O presente artigo pretende discutir a imagem do sítio arqueológico conchífero do tipo sambaqui elaborada através das crônicas de Manoel da Nóbrega, Gabriel Soares de Sousa, Fernão Cardim, Jean de Léry e Hans Staden, do século XVI, Frei Gaspar da Madre de Deus, do século XVIII e de dois viajantes do início do século XIX, Auguste de Saint-Hilaire e Augusto Emílio Zaluar; sua percepção utilitária como fonte de cal, alimento e a prática de mariscar e a percepção mágico-religiosa, como fonte de inspiração para a confecção de adornos, imaginário e litoraneidade dos povos da costa brasileira na fase inicial da colonização.

Palavras-chave: Sambaqui. Cronistas. Imaginário. Litoraneidade.

Abstract: This article discusses the image of the archaeological site of the shell mounds seen through the chronicles of Manoel da Nóbrega, Gabriel Soares de Sousa, Fernão Cardim, Jean de Léry and Hans Staden of the 16th century, Frei Gaspar da Madre de Deus of the 18th century and of two early 19th-century travelers, Augustin Saint-Hilaire and Augusto Emílio Zaluar; its utilitarian perception as a source of lime, food and the practice of “mariscar” and the magical-religious perception, as a source of inspiration for making adornment, imaginary and maritime culture of the peoples of the Brazilian coast in the early stages of colonization.

Keywords: Shell mounds. Chroniclers. Imaginary and maritime culture.

Introdução

As narrativas de testemunhas oculares do processo de conquista e colonização do Brasil em sua fase inicial, até hoje proporcionam vasto e rico repertório para pesquisas sobre temas variados em diferentes ciências. Produ-

* Pós-doutorando em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e docente da Universidade São Judas Tadeu. E-mail: charlesbon@uol.com.br

zidos pelos primeiros cronistas que assistiram e descreveram uma miríade de elementos constituintes de uma terra tão distante, compõem as primeiras impressões daquilo que Darcy Ribeiro chamou do mito medieval da *Ilha Brasil* (RIBEIRO, 2005).

Essas descrições ocidentais do encontro de culturas são o resultado do trabalho de homens de seu tempo, marcados por um entrelaçamento entre uma mentalidade medieval de mundo profundamente mágico-religiosa e outra caracterizada por uma racionalidade incipiente, trazendo consigo os primeiros ventos do Renascimento Cultural, da Reforma Protestante e do Mercantilismo. Essa aparente contradição é uma constante nos tratados utilizados para a feitura deste artigo.

Tais significações são tão diversas quanto os temas que abrangiam, são menções sobre flora, fauna e humanidades, visões que expressam um novo mundo para o conquistador, documentos históricos que revelam muito mais sobre quem os descreve do que o objeto de sua descrição, que nos chegaram através do religioso, do naturalista, do mercador, do degredado, do náufrago... Relatos de uma época de encantamento e destruição, de um sistema sociocultural em profunda transformação, do qual emerge um novo país e uma nova cultura.

Aqui, racionalidade e concepção mágico-religiosa dos fenômenos, apesar da aparente dicotomia, andam juntas e constituem faces de um mesmo rosto: o mesmo homem que procurava entender e explicar racionalmente o que via ao seu redor, também justificava sua existência e sobrevivência como resultado de uma obra divina. Essa tônica está presente nos autores usados neste artigo e, quanto mais exótico e curioso o objeto da descrição, mais o relato revela essa mentalidade em mutação, muitas vezes contraditória, do europeu dos primeiros tempos de Brasil.

Este artigo não ambiciona esgotar os nomes dos principais cronistas amplamente divulgados pela historiografia, almeja apenas verificar, através de uma amostra, a utilidade de suas narrativas como fonte de documentação arqueológica para os estudos sobre sambaquis. Para tanto, nesta primeira tentativa, abordaremos os relatos de Manoel da Nóbrega, Gabriel Soares de Sousa, Fernão Cardim, Jean de Léry e Hans Staden do século XVI, Frei Gaspar da Madre de Deus do século XVIII e dois viajantes do início do século XIX, Auguste de Saint-Hilaire e Augusto Emílio Zaluar. Pretendemos ampliar esse leque de autores em outra oportunidade, pois as informações levantadas nesse primeiro momento nos pareceram bastante significativas.

Os cronistas, em sua maioria religiosos, raramente mencionam diretamente o nome sambaqui, mas tratam dos depósitos de conchas abundantes ao longo da costa brasileira, sem uma preocupação em precisar o nome ou a localização, o que nos ajudaria em muito na feitura de um mapeamento desses bens culturais, verificando o impacto da destruição antrópica provocada pelo processo de conquista e colonização.

Para este artigo, como estratégia metodológica, mantivemos a aparente dicotomia dos trabalhos originais na estrutura do texto a fim de guiar nossas considerações: a primeira parte trata da percepção e uso racional dos depósitos de conchas, sua utilidade prática como fonte de matéria-prima para a feitura de cal e, juntamente com os peixes, como fonte de alimentação para os habitantes locais e para os conquistadores recém-chegados. Nesta parte também reproduzimos testemunhos de uma prática recorrente entre os grupos indígenas que tiveram maior contato com os primeiros europeus, a prática de *mariscar*, que produzia em pouco tempo, grandes montes de carapaças de moluscos. Talvez seja essa a origem de muitos sítios arqueológicos que, apesar do substrato ser composto por carapaças de moluscos, diferem morfologicamente dos sambaquis tradicionais (colinar de base oval) e são chamados pela bibliografia arqueológica especializada de “acampamentos”, “sítios paleoetnográficos”, “acampamentos litorâneos” (PROUS, 1992), ou mais genericamente de “sítios arqueológicos conchíferos”.

Já a segunda parte é constituída pela visão mágico-religiosa detrás das narrativas dos mesmos temas e dos mesmos autores, que transcreve o uso da concha como adorno pelos índios, além da busca nos relatos de uma *litoraneidade* presente nesses habitantes, ocupantes, muitas vezes, dos mesmos locais onde se encontram os depósitos de conchas mais antigos, os sambaquis, lembrando que a distância cronológica que nos separa desses primeiros cronistas é quase a mesma que separa os grupos indígenas descritos nas narrativas dos últimos povos construtores de sambaquis.

Percepção utilitária: cal, alimento e a prática de mariscar

Os registros escritos a respeito dos montes de conchas erguidos ao longo da costa brasileira são tão antigos quanto o conhecimento acerca do litoral brasileiro. Os primeiros conquistadores não encontraram depósitos naturais de calcário nos locais escolhidos para se estabelecerem, fundamental

para a produção de *cal*, composto necessário para edificação das primeiras construções coloniais, porém encontraram, em abundância, grandes morros compostos majoritariamente por conchas e carapaças de moluscos, excelentes substitutos para as rochas calcárias. As conchas eram fáceis de manusear e cozer em rústicos fornos para a obtenção de *cal*, de modo que esses depósitos “naturais” foram largamente utilizados para a obtenção do importante substrato, essencial para a composição da argamassa dos edifícios dos primeiros povoamentos. É desta maneira utilitária que os sambaquis são inseridos na História recente do Brasil, em um contexto de *dominação-culturação* do continente recém “descoberto”, como nos atesta o padre jesuíta Manoel da Nóbrega em suas “Cartas do Brasil” de meados do século XVI:

Esperamos também resposta de Vossa Reverendissima para começar o collegio do Salvador na Bahia, no qual não tanto gastaremos como pensaes, porém com cem crusados se poderão fazer moradias de taipa que bastem para principiar.

Os estudantes com pouco se manterão. Poder-se-hia até fazel-as de pedra, si assim parece a Vossa Reverendissima, porque agora ha muito boa cal. (Nobrega [1550], 1988, p. 111).

Gabriel Soares de Sousa, não se sabe o motivo, decide desembarcar no litoral baiano em 1569, abandonando uma frota de três naus comandadas por Francisco Barreto que partira de Lisboa com destino a Monomotapa (Moçambique)¹. Aqui, estabelece-se em uma região ao sul do Recôncavo baiano, tornando-se proprietário de terras da capitania, onde ergueu um importante engenho e, mais tarde, sagrou-se vereador na Câmara da Bahia. No entanto, a mais notável obra deste português foi a produção do “Tratado descritivo do Brasil” em 1587, com descrições minuciosas e variadas sobre diferentes temas, especialmente os acidentes geográficos de toda costa brasileira, habitações, tribos indígenas, fauna e flora, principalmente os da Bahia. A obra está dividida em duas partes, que se complementam e foram escritas em momentos distintos: a primeira intitulada “Roteiro geral com largas informações de toda a costa que pertence ao Estado do Brasil e a descrição de muitos lugares dela, especialmente da Bahia de Todos os Santos” e a segunda chamada de “Memorial e declaração das grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade e das notáveis partes que tem”.

¹ LUCIANI, Fernanda T. Introdução do livro de SOUSA, Gabriel Soares de (Década de 1540-1591). *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Organização de Fernanda Trindade Luciani. São Paulo: Hedra, 2010, p. 9.

Na primeira parte, temos algumas menções de ordem prática da existência e abundância dos depósitos de conchas. A seguir, alguns trechos sobre a infinidade de ostras que há no Rio de Janeiro, expostas pela sua utilidade como argamassa para futuras edificações e também como alimento:

E uma coisa e outra se pode fortificar com pouca despesa, pela muita pedra que para isso tem ao longo do mar, bem defronte, assim para cantaria como para alvenaria, e grande aparelho para se fazer muita cal de ostras, de que neste Rio há infinidade. (Cap. 49: Em que se declara a terra que há do cabo Frio até o Rio de Janeiro. SOUSA, 2010, p. 95).

Neste Rio de Janeiro se podem fazer muitos engenhos por ter terras e águas para isso, no qual se dão as vacas muito bem, e todo o gado de Espanha; onde se dá trigo, cevada, vinho, marmelos, romãs, figos e todas as frutas de espinho; é muito farto de pescado e marisco, e de todos os mantimentos que se dão na costa do Brasil; onde há muito pau do Brasil, e muito bom. (Cap. 56: Em que se conclui com o Rio de Janeiro com a tornada de Salvador Correa a ele. SOUSA, 2010, p. 104).

A mesma tônica da narração acerca do Rio de Janeiro é adotada pelo autor para a antiga capitania de São Vicente e para a localidade de Cananéia. Sempre com menção aos depósitos de conchas para a feitura de cal e sua abundância como alimento, bem como a do pescado:

e se dá trigo e cevada, do que se não usa na terra por os mantimentos dela serem muito bons e facilimos de granjear, de que os moradores são mui abastados e de muito pescado e marisco, onde se dão tamanhas ostras que têm a casca maior que um palmo, e há algumas muito façanhosas. (Cap. 62: Em que se declara parte da fertilidade da terra de São Vicente. SOUSA, 2010, p. 110).

Esse rio da Cananea está em vinte e cinco graus e meio, em qual rio entram navios da costa, e se navega por ele acima algumas léguas, e é muito capaz para se poder povoar, e para se fazer muita conta dele, por ser mui abastado de pescado e marisco, e por ter muita caça, cuja terra é muito fértil, na qual se dão muitos mantimentos dos naturais, e se dará tudo o que lhe plantam, toda a criação de gado que lhe lançarem, por ter grande cômodo para isso. (64: Em que se declara a costa do rio de Santo Amaro até Cananea. SOUSA, 2010, p. 112).

Também para o sul do Brasil, especialmente Santa Catarina, há a referência das ostras, mariscos, berbigões, crustáceos e peixes para o alimento e dos depósitos de conchas para a feitura de cal.

Este rio acima dito [São Francisco], a que outros chamam Jumirim, tem a boca grande e ao mar dele três ilhetas, pela qual entram caravelões; e corre-se por ele acima leste-oeste, pelo qual entra a maré muito, onde há boas pescarias e muito

marisco. (Cap. 66: Em que se declara a costa do rio de São Francisco até a de Jumarim ou Itapicuru. SOUSA, 2010, p. 113).

e o rio é mui provido de marisco, e tem grandes pescarias até onde possuem a terra os Carijos, daqui por diante é vivenda dos Tapuyas, e está por marco entre uns e outros este rio dos Patos. (Rio Itapicuru, cuja boca se serra com a ilha de Santa Catarina). (Cap 67: Em que se declara a terra que há de Itapicuru até o rio dos Patos. SOUSA, 2010, p. 114).

mas o porto de D. Rodrigo (nota nº 254 de LUCIANI, F. T.: ‘Levava este nome por ter ali abrigado D. Rodrigo D’Acuña, após seu naufrágio nesse litoral. É o atual Porto de Imbituba, localizado em uma enseada aberta no município homônimo, no litoral sul do Estado de Santa Catarina’) é suficiente para se poder povoar pela fertilidade da terra e pela comodidade que tem ao longo do mar de pescarias e muito marisco e por a terra ter muita caça (...). (Cap. 69: Em que se declara a costa do rio dos Patos até o da Alagoa. SOUSA, 2010, p. 115).

Este rio está em trinta graus e um quarto; chama-se de Martim Afonso de Sousa por ele o descobrir, quando andou correndo esta costa de São Vicente até o rio da Prata. Este rio tem muito bom porto de fora para navios grandes e dentro para os da costa, cuja terra é baixa e da qualidade da de trás. Tem esse rio duas léguas ao mar uma ilha onde há bom porto e abrigada para surgirem navios de todo o porto; entra a maré por este rio muito, onde há muito marisco, cuja terra é de campinas que estão sempre cheias de erva verde com algumas reboleiras (nota nº 256 de LUCIANI, F. T.: Reboleira: capão, moita, touceira). (Cap. 70: Em que se declara a costa do porto de Alagoa até o rio de Martim Afonso. SOUSA, 2010, p. 116).

Já na segunda parte do tratado intitulado “Memorial e declaração das grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade e das notáveis partes que tem”, notamos a mesma característica da primeira parte: a visão utilitária dos montes de conchas como argamassa e a abundância de peixes e da fauna malacológica como alimentos, agora centrada na Bahia. Nesse ponto do trabalho, encontramos um dos mais contundentes testemunhos da grande quantidade de depósitos, o que nos leva a imaginar a quantidade de sambaquis destruídos durante o processo de colonização do Brasil, além da menção, na segunda citação abaixo, da facilidade em se fazer cal dessas conchas em função da pouca quantidade de lenha necessária no processo de cozimento:

As mais formosas ostras que se viram são as do Brasil; e há infinidade delas, como se vê na Bahia, onde lhes os índios chamam leri-u-asu, as quais estão sempre cheias, e têm ordinariamente grandes miolos; e em algumas partes os têm tamanhos que se não podem comer senão cortadas em talhadas, as quais, cruas, assadas e fritas, são

muito gostosas; as boas se dão dentro da vasa no salgado, e pelos rios onde se junta a água doce ao salgado se criam muitas na vasa, e muito grandes, mas quando há água do monte, estão mui doces e sensabores. E há tantas ostras na Bahia e em outras partes, que se carregam barcos delas, muito grandes, para fazerem cal das cascas, de que se faz muita e muito boa para as obras, a qual é muito alva; e há engenho que se gastou nas obras dele mais de três mil moios de cal destas ostras; as quais são muito mais sadias que as da Espanha. (Cap. 140: Que trata da qualidade das ostras que há na Bahia. SOUSA, 2010, p. 282).

A maior parte da cal que se faz na Bahia é das cascas das ostras, de que há tanta quantidade que se faz dela muita cal, e que é alvíssima, e tão boa como a de Alcântara; e fazem-se dela guarnições de estuque mui alvas e primas; e a cal que se faz das ostras é mais fácil de fazer que a de pedras; porque gasta pouca lenha e com lhe fazerem fogo que dure dez, doze horas, fica muito bem cozida, e é tão forte que se quer caldeada, e ao caldear ferve em pulos como a cal de pedra de Lisboa. (Cap. 188: Em que se declara o cômodo que tem a Bahia para se poder fazer muita cal, como se faz. SOUSA, 2010, p. 331).

Em sua maioria, os cronistas da primeira fase da História do Brasil eram religiosos, como Fernão Cardim, natural de Viana de Alvito em Portugal, provavelmente nascido no ano de 1540 segundo Padre Antonio Vieira, e de família importante em Portugal, membro da Companhia de Jesus desde os quinze anos, desembarcou no Brasil em 9 de maio de 1583 (GARCIA, R., in CARDIM, 1980, p. 14). Em relação aos amontoados de conchas, notamos em seus relatos a mesma semelhança em relação a Gabriel Soares de Sousa, sua citação está sempre associada à feitura de *cal* e também à fartura de alimentos nessa “nova terra”. Como em relação aos peixes e aos caranguejos:

Há outros muitos peixes de varias especies que não há em Espanha, e commumente de bom gosto, e sadios. Dos de Portugal também por cá há muitos, SC. Tainhas em grande multidão, e tem-se achado que a tainha fresaca posta a carne della em mordedura de cobra He outro unicórnio. Não faltão garopas, chicarros, pargos, sargos, gorazes, dourados, peixe agulha, pescada, mas são raras; sardinhas com as de Espanha se achão em alguns tempos no Rio de Janeiro, e mais partes do sul; cibas, e arrayas; estas arrayas algumas delas tem na boca dous ossos tão rijos que quebram os búzios com elles. (PARTE I – DO CLIMA E TERRA DO BRASIL – E DE ALGUMAS COUSAS NOTAVEIS QUE SE ACHÃO ASSI NA TERRA COMO NO MAR, Cap. XIV – DOS PEIXES QUE HÁ N’AGUA SALGADA. CARDIM, 1980, p. 47).

Fernão Cardim menciona textualmente as “serras de cascas”, construídas intencionalmente, antigamente, pelos “*Índios naturaes*”, uma das referências mais diretas aos depósitos de conchas e como foram erigidos ao longo da costa

brasileira, além da alusão, que será tratada mais a frente em nosso texto, ao hábito de *mariscarem* para fazerem “*moquem*”:

As ostras são muitas, algumas dellas são muito grandes, e têm o miolo como huma palma da mão; nestas se achão algumas perolas muito ricas; em outras mais pequenas tambem se achão perolas mais finas. Os Indios naturaes antigamente vinhão ao mar ás ostras, e tomavão tantas que deixavam serras de cascas, e os miolos levavão de moquem para comerem entre anno; sobre estas serras pelo discurso do tempo se fizerão grandes arvoredos muito espessos, e altos, e os portuguezes descobrirão algumas, e cada dia se vão achando outras de novo, e destas cascas fazem cal, e de hum só monte se fez parte do Collegio da Bahia, os paços da Governador, e outros muitos edificios, e ainda não he exgotado: a cal he muito alva, boa para guarnecer, e cair, se está á chuva faz preta, e para vedar agua em tanques não he tão segura, mas para o mais tão bôa como a de pedra em Espanha. (PARTE I – DO CLIMA E TERRA DO BRASIL – E DE ALGUMAS COUSAS NOTAVEIS QUE SE ACHÃO ASSI NA TERRA COMO NO MAR, Cap. XVIII – DOS CRANGUEJOS. CARDIM, 1980, p. 51).

Dentre as descrições do ilustre jesuíta, destacamos três dos diversos mariscos e caranguejos delineados por Cardim, pela sua relação próxima aos sambaquis, bem como sua utilização, mais uma vez, como cal e alimento:

Búzios – Os maiores que há se chamão Guatapiggoaçú, sc. Búzio grande; são muito estimados dos naturaes, porque delles fazem suas trombetas, jaezes, contas, metaras, e arrecadadas, a luas, para os meninos, e são entre elles de tanta estima que por hum dão huma pessoa das que tem cativas; e os portuguezes davão antigamente hum cruzado por hum; são tão alvos como marfins, e de largo muito delles têm dous palmos, e hum de comprimento. (PARTE I – DO CLIMA E TERRA DO BRASIL – E DE ALGUMAS COUSAS NOTAVEIS QUE SE ACHÃO ASSI NA TERRA COMO NO MAR, Cap. XVIII – DOS CARANGUEJOS. CARDIM, 1980, p. 52).

Piriguay – Estes de comem tambem, e das cascas fazem sua contaria, e por tantas braças dão huma pessoa; destes botas as vezes o mar fora serras, cousa muita para ver. De búzios e conchas há muita quantidade nesta terra, muito galantes, e para estimar, a de varias espécies. (PARTE I – DO CLIMA E TERRA DO BRASIL – E DE ALGUMAS COUSAS NOTAVEIS QUE SE ACHÃO ASSI NA TERRA COMO NO MAR, Cap. XVIII – DOS CARANGUEJOS. CARDIM, 1980, p. 52).

Coral branco – Acha-se muita pedra de coral branco debaixo do mar; nasce com as arvorezinhas toda em folhas e canudos, como coral vermelho da India, e se este tambem o fôra, houvera grande riqueza nesta terra pela muita abundancia que há delle. He muito alvo, tira-se com diffículdade, e tambem se faz cal delle. (PARTE I – DO CLIMA E TERRA DO BRASIL – E DE ALGUMAS COUSAS

NOTAVEIS QUE SE ACHÃO ASSI NA TERRA COMO NO MAR, Cap. XVIII – DOS CARANGUEJOS. CARDIM, 1980, p. 52).

Essa perspectiva utilitária permanece na visão do religioso ao se referir às conchas e em suas observações acerca da flora e fauna. Quando mencionada, a ostra também não foge dessa constante, é descrita como sendo abundante e como fonte perene de alimento, principalmente nos estuarinos e mangues, mesmo deixando escapar a perturbação diante de criaturas tão exóticas ao europeu: “*Nesses mangues se crião muitos caranguejos, e ostras, e ratos, e há um gênero destes ratos cousas monstruosa, todo dia dormem e vigião de noite*”. (PARTE I – DO CLIMA E TERRA DO BRASIL – E DE ALGUMAS COUSAS NOTAVEIS QUE SE ACHÃO ASSI NA TERRA COMO NO MAR, Cap. XIX – DAS ARVORES QUE SE CRIÃO N’AGUA SALGADA. CARDIM, 1980, p. 53).

Vemos, na terceira parte do Tratado do jesuíta, como essa abundância e qualidade da produção de cal é destacada, ao mencionar os recursos existentes para terminar o Colégio da Bahia, citado anteriormente, como vimos, pelo Padre Manoel da Nóbrega: “*Os padres têm aqui collegio novo quase acabado; é uma quadra formosa com boa capella, livraria, e alguns trinta cubículos, os mais delles têm as janellas para o mar. O edificio é todo de pedra e cal de ostra, que é tão boa com a de pedra de Portugal*”. (PARTE III – INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL – ANNO DE 83 ou NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUITICA. Pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente, (S. Paulo) etc. desde o anno de 1583 ao de 1590 indo por visitador o P. Christovão de Gouvêa CARDIM, 1980, p. 144). E ainda mais adiante:

Folgára de saber descrever a formosura de toda esta Bahia e reconcavo, as enseadas e esteiros que o mar bota três, quatro léguas pela terra dentro, os muito frescos e grandes rios caudaes que a terra deita ao mar, todos cheios de muita fartura de pescados, lagostins, polvos, ostras de muitas castas, caranguejos e outros mariscos. (PARTE III – INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL – ANNO DE 83 ou NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUITICA. Pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente, (S. Paulo) etc. desde o anno de 1583 ao de 1590 indo por visitador o P. Christovão de Gouvêa. CARDIM, 1980, p. 157).

Em suas andanças pelo Brasil, destacamos a rica descrição que o jesuíta faz do caminho que ligava o litoral ao planalto paulista (Piratininga), mencio-

nando a famosa localidade de Paranaíacaba no município de Santo André, que guarda o mesmo nome até a atualidade e, mais uma vez, a fartura de ostras, caranguejos, mexilhões, berbigões e outros tipos de mariscos:

Desejavam os padres de Piratininga que o padre visitador se achasse naquela casa aos 25 de Janeiro, dia da conversão de S. Paulo, por ser orago da nossa igreja. Partimos uma segunda-feira, e caminhámos duas léguas por água, e uma por terra, e fomos dormir em um *teig-upaba* ao pé de uma serra ao longo de um formoso rio de água doce que descia com grande ímpeto de uma serra tão alta, que ao dia seguinte caminhamos até ao meio dia, chegando ao cume bem cansados: o caminho é tão íngreme que ás vezes íamos pegando com as mãos. Chegando ao *Paraná-piacaba*, (nota nº LXXXI de Rodolfo Garcia – “tem correta etimologia no texto: lugar de onde se vê o mar. De fato, *Paraná-apiacaba* é, no tupi, vista do mar, donde se vê o mar, miramar) sc. lugar donde se vê o mar, descobrindo o mar largo quando podíamos alcançar com a vista, e uma enseada de mangaes e braços de rios de comprimento de oito léguas e duas e três em largo, cousa muito para ver; e parecia um panno de armar: a toda esta terra enche a maré, e ficando vasia fica cheia de ostras, caranguejos, mexilhões, berbigões e outras castas de mariscos: aquelle dia fomos dormir junto a um rio de água doce, e todo caminho é cheio de *tijucos* (nota nº LXXXII de Rodolfo Garcia – *Tijuco*, do tupi *ty-yuc*, líquido podre, lama, brejo), e peor que nunca vi, e sempre íamos subindo e descendo serras altíssimas, e passando rios caudaes de água frigidissima. (III – INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOVÊA ÀS PARTES DO BRASIL – ANNO DE 83 ou NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUITICA. Pela Bahia, Ilheos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Vicente, (S. Paulo) etc. desde o anno de 1583 ao de 1590 indo por visitador o P. Christovão de Gouvêa. CARDIM, 1980, p. 172).

Outro viajante religioso do século XVI que deixou uma preciosa obra para os estudos históricos, etnográficos e arqueológicos, foi o francês Jean de Léry e sua crônica “Viagem à terra do Brasil”. Nascido em La Margelle (Bourgogne) em 1534 (GAFFAREL, P. in LÉRY, J. *Viagem à terra do Brasil*. 2007, p. 19), o calvinista, admirador do almirante Gaspar de Coligny, apresenta a obra, de 1578, a Francisco de Coligny, filho “(...) *daquele por intermédio de quem Deus me permitiu ver as coisas com que escrevi a presente narrativa (...)*” (Dedicatória de Jean de LÉRY, op. cit, p. 31), na qual narra a viagem realizada à colônia francesa fundada no Brasil por Durand de Villegagnon, atendendo à oportunidade oferecida por Calvino para prestar um serviço à Reforma. Jean de Léry desembarca no atual Rio de Janeiro em 26 de novembro de 1557, ancorando a “*meia légua de um lugar montanhoso chamado Huuassú pelos selvagens*” (op. cit, p. 77), e permanecendo pouco mais de um ano, até o dia 4 de janeiro de 1558 (op. cit, p. 250).

O protestante, em suas impressões sobre o Rio de Janeiro de meados do século XVI, conta com profundidade seu cotidiano com os tupinambás, aliados dos franceses e dos colonos da “França Antártica” e menciona, como os cronistas descritos acima, os depósitos de conchas e a fartura dos recursos malacológicos como alimento, bem como o processo de sua coleta:

Além dessa, encontram-se nesse braço de mar outras pequenas ilhas (ilha do Governador – nota nº162 de Plínio Ayrosa *in* LÉRY, J.:108) desertas nas quais entre outras coisas existem ostras saborosas e grandes. Os selvagens mergulham e trazem de volta grandes pedras com uma infinidade de ostras a que chamam *leripés* (nota nº 164, p.108 – *ryry* ou *irkrk* – ostra, ostra chata, ostras achatadas). Era preciso arrancá-las à força e em geral cozinhávamos grandes paneladas delas, encontrando em algumas, ao abri-las, pequenas pérolas. (Cap VII – Descrição do Rio Guanabara, também denominado de Janeiro; da Ilha de Coligny e do Fortim nela edificado, bem como das ilhas vizinhas - Baía do Rio de Janeiro. LÉRY, 2007, p. 108).

Dentre os primeiros cronistas, talvez o mais emblemático tenha sido Hans Staden e sua obra “Duas Viagens ao Brasil”, a primeira entre os anos de 1547 e 1548 e a segunda entre 1550 e 1555 (STADEN, 2008). Assim como o calvinista descrito acima, o alemão narra sua estadia por cerca de nove meses em meio aos índios tupinambás, entre o sul do atual estado do Rio de Janeiro e o litoral norte do estado de São Paulo, durante sua segunda viagem. Artilheiro no Forte São Luís², situado na Ilha de Santo Amaro, foi tomado como prisioneiro quando estava em Bertioga em busca de alimento, e levado de canoa até Ubatuba³. Até esse episódio, andou por diversas paragens do litoral de São Paulo, como Superagui, localidade ao norte da barra de Paranaguá, pela qual passava um caminho indígena muito antigo que levava a Cananéia, Itanhaém, Boiçucanga, ilha do Guará, ilha de São Sebastião, Bertioga e Ubatuba.

Hans Staden não se refere diretamente em sua obra a nenhum sambaqui, no entanto, durante sua estadia entre os tupinambás no ano de 1554, pôde descrever o modo de vida e hábitos de uma cultura arcaica que habitava os mesmos locais dos grupos de coletores-pescadores do litoral meridional do Brasil, dentre os quais, podemos destacar alguns que, indiretamente, aproximam-se do modo de vida dos construtores de sambaquis no tocante à

² “[...] Em 1550 edificou-se o forte de São Felipe, chamado de pois de São Luís, na ilha de Santo Amaro, do lado da Armação, de que foi primeiro condestável o alemão Hans Staden” (FRANCO, F. A. C., 2008, nota de rodapé nº 98; p. 75).

³ Ao que tudo indica, essa *Ubatuba*, onde passou a maior parte do tempo, situava-se na atual Angra dos Reis, sul do estado do Rio de Janeiro.

pesca e coleta de moluscos. Através do ilustre alemão, sabemos que os belicosos tupinambás empreendiam suas guerras em duas épocas do ano: a primeira no período de coleta do *abatí*, no mês de novembro, com o qual fazem uma bebida chamada *cauim*; e a segunda em agosto, quando “(...) *procuram uma espécie de peixes que emigram do mar para as correntes de água doce, para aí desovar. Êstes peixes se chamam em sua língua piratis e em espanhol ‘lisas’*”⁴ (STADEN, 2008, p. 77). A pesca de tainhas nessa época do ano, como se sabe, ainda é costume entre os caiçaras do litoral norte de São Paulo e, dado à grande quantidade de ossos de peixes encontrados entre os sambaquis, é de se presumir que essa fartura anual não passasse despercebido pelos grupos coletores-pescadores.

Durante a segunda viagem, após muitas provações, Hans Staden narra as dificuldades em se encontrar alimentos. Em uma dessas passagens, após um naufrágio enquanto estava em Santa Catarina, relata um evento que atesta que, mesmo estando em dificuldades, ainda havia crustáceos para coletar, demonstrando a abundância desta fonte de alimento durante o início do processo de conquista:

Durante dous anos ficamos em paragens ermas e passamos muitos perigos. Padecemos grande fome, tivemos que comer lagartos e ratos silvestres e outros animais assim estranhos, que podíamos apanhar, e também *crustáceos*, que se prendiam às pedras na água, e outros alimentos igualmente desconhecidos. (STADEN, 2008, p. 64. Grifo meu).

Como se vê, apesar de não ser o tema central das crônicas do séc. XVI, os depósitos de conchas foram amplamente percebidos. Se o binômio *necessidade-curiosidade* avivou o interesse do estrangeiro, leigo ou religioso, devido ao tamanho, utilização prática e abundância, a descoberta em algumas dessas *serras de cascas* de ossos humanos misturados a utensílios em rocha e potes de barro demandou, dos eruditos dos séculos seguintes, grande esforço reflexivo para entender, se fosse o caso, qual o significado daqueles morros.

Este exercício intelectual pode ser notado com bastante veemência nos escritos, talvez um dos mais importantes dentre as crônicas consultadas, do beneditino Frei Gaspar da Madre de Deus, em suas “Memórias para a História da Capitania de S. Vicente hoje chamada de S. Paulo” de 1797. Nestes relatos estão as referências mais diretas sobre sambaquis encontradas entre os cronistas utilizados na feitura deste artigo, pois vemos a menção do nome

⁴ Teodoro Sampaio, 1930, diz que “parati” em português equivale a “tainha”. (Apud, FRANCO, F. A. C., 2008, p. 77, nota 101).

sambaqui, bem como uma das primeiras tentativas de explicação acerca da formação desses bens culturais. Com um grau maior de deferência em relação aos montes de conchas, o histórico de destruição dos sítios arqueológicos não passa despercebido pelo beneditino:

Daqui nasceu escreveram alguns autores que é mineral a matéria de que se faz cal, em várias partes da América. Enganaram-se, mas com desculpa, porque a terra, conduzida pelas águas e ventos para cima daqueles montões, formou sobre eles crustas tão grossas que nalgumas partes chegaram a ter capacidade para sustentarem, como sustentam, árvores bastantemente altas, que sobre elas nasceram e se conservam sempre viçosas. Tanta é a antiguidade destas *Ostreiras*, (assim lhe chamam na Capitania de S. Paulo⁵ que a umidade pelo decurso dos tempos veio a dissolver as conchas de algumas delas, reduzindo-as a uma branda massa, a qual, petrificando-se pouco a pouco com o calor, formou pedras tão sólidas que é necessário quebrá-las com marrões ou alavancas, antes de as conduzirem para os fornos onde as resolvem em cal. Destas conchas dos mariscos que comeram os índios, se tem feito tôda a cal dos edifícios desta Capitania, desde o tempo da fundação até agora, e tarde se acabaram as *Ostreiras de Santos, S. Vicente, Conceição, Iguape, Cananéia*, etc⁶.. Na maior parte delas ainda se conservam inteiras as conchas, e nalgumas acham-se machados, (o dos índios eram de seixo muito rijo) pedaços de panelas quebradas e ossos de defuntos; pois que se algum índio morria ao tempo da pescaria, servia-lhe de cemitério a *Ostreira*, na qual depositavam o cadáver e depois o cobriam de conchas. (LIVRO I – FUNDAÇÃO DA CAPITANIA DE S. VICENTE POR MARTIM AFONSO DE SOUZA, SEU PRIMEIRO DONATÁRIO. MADRE DE DEUS, Fr. G., 1953, p. 45-46).

Interessante também observar o apontamento que Affonso de E. Taunay faz ao escrever a “Súmula Biográfica de Frei Gaspar da Madre de Deus (1715-1800)”, que serve de introdução às “Memórias...” do ilustre beneditino da edição consultada, acerca do fato de ser o Frei um dos primeiros a inferir o caráter artificial dos montes de conchas, chamados corretamente de *sambaquis* por Madre de Deus:

Surto de estilo não devemos esperar na Memórias; nelas há, porém, certa feição literária que nossos críticos contemporâneos assinalaram. Nelas aventa Freia Gaspar uma hipótese científica que lhe dá verdadeiro realce às faculdades de observação e à capacidade indutiva. Emite a opinião de que aos *sambaquis* se deve atribuir origem humana. (Taunay, Affonso de E., Introdução do livro “Memórias para a História da Capitania de S. Vicente hoje chamada de S. Paulo de Frei Gaspar da Madre de Deus, 1797. 1953, p. 20).

⁵ *Os indígenas as denominavam Sambaquê.* (Nota original do texto n° 28; p. 45).

⁶ *Iguais montinhos se encontram na praia que vai da Vila de Laguna às Tôrres da Província de Santa Catarina.* (idem. n° 29; p. 29).

Como vemos, os depósitos de conchas impressionaram os primeiros cronistas da *terra brasílis* pela abundância, tamanho e utilidade. Tal deslumbramento condenou boa parte desses bens culturais à destruição, destino comum dos sambaquis, vistos essencialmente como *cal* pelos colonizadores. No entanto, alguns cronistas os perceberam, também, de maneira distinta, dedicando menção especial em seus escritos aos depósitos de conchas que se formavam rapidamente a seus olhos, produtos de indígenas que desciam a serra para *mariscar*. Para o sul do Brasil, Gabriel Soares de Sousa faz referência a esse hábito, no caso descrito, dos Tapuyas:

Esta costa desde o rio dos Patos até a boca do rio da Prata é povoada de Tapuyas, gente doméstica e bem acondicionada, que não come carne humana nem faz mal à gente branca que os comunica, como são os moradores da capitania de São Vicente, que vão em caravelões resgatar por esta costa com este gentio alguns escravos, cera da terra, porcos, galinhas e outras coisas, com quem não tem nunca desavenças; e porque a terra é muito rasa e descoberta aos ventos, e não tem matos nem abrigadas, não vivem estes Tapuyas ao longo do mar e têm suas povoações afastadas para o sertão, ao abrigo da terra, e vêm pescar e mariscar pela costa. (Cap 72: Em que se conta como corre a costa do rio de São Pedro até o cabo de Santa Maria. SOUSA, 2010, p. 117).

Frei Gaspar da Madre de Deus também observou a prática de *mariscar* entre os índios da antiga Província de São Vicente, narrando-a com riqueza de detalhes, além de tecer explicações sobre o motivo de tal exercício:

Este território, e tôda a Costa circunvizinha, assim para o Norte, como para o Sul, pertencia a várias Aldeias situadas no campo, sôbre as Serras: *Ilhas de S. Vicente e Santo Amaro*, e também a terra firme adjacente e suas praias, defendiam os índios, pela única conveniência de nelas pescarem e mariscarem. Eis aqui a razão por que Martim Afonso não viu aldeia alguma, depois passou a Enseada dos *Maramomis*. Índios particulares, em todo o tempo, e povos inteiros, em certos meses, vinham mariscar na costa: escolhiam entre os *Mangais* algum lugar enxuto, onde se arranchavam e dali saíam como enxames de abelhas a extrair do lodo os testáceos marítimos. É indizível a imensidade que colhiam de ostras, berbigões, amejoas, sururus de várias castas, e outros mariscos; mas a pesca principal era de ostras e berbigões, ou porque gostassem mais deles, ou porque os encontrassem em maior cópia, e colhessem com facilidade. De tudo isto havia, e ainda hoje há, muita abundância nos mangais da *Capitania de S. Paulo*. Com os tais mariscos se sustentavam enquanto durava a pescaria, o resto secavam, e assim beneficiado conduziam para suas Aldeias, onde lhe servia de alimento por algum tempo. As conchas lançavam a uma parte do lugar onde estavam congregados, e com elas formaram montões tão grandes, que parecem outeiros a quem agora os vê soterrados. (LIVRO I – FUNDAÇÃO DA CAPITANIA DE S. VICENTE POR

MARTIM AFONSO DE SOUZA, SEU PRIMEIRO DONATÁRIO. MADRE DE DEUS, Fr. G., 1953, p. 44-45)

Este costume parece ter sido uma constante e foi notada até pelos naturalistas e viajantes do final do século XVIII e início do XIX, como atesta Auguste de Saint-Hilaire quando veio estudar o Brasil em 1816 e aqui permaneceu até 1822. Em sua obra *Viagem pela província de São Paulo* publicado originalmente em 1851, encontramos suas impressões ao observar o mesmo procedimento entre os guaianases:

Quando Martim Afonso aportou à Ilha de São Vicente, essa parte do Brasil pertencia aos pacíficos índios guaianases, que habitavam o planalto situado ao norte da cadeia marítima mas que, numa certa época do ano, costumavam descer até o litoral para procurar ostras e outros moluscos. (Cap. I – Dados sumários sobre a Província de São Paulo – História. SAINT-HILAIRE, 1976, p. 18).

Outra menção desta natureza, mas sem informar diretamente a rotina de mariscar ou mesmo os depósitos de conchas, foi feita, já no início do século XIX, em relação ao litoral da província de São Paulo, pelo viajante Augusto Emílio Zaluar, que não deixa de citar os nomes dos rios de Cubatão e o instigante rio *Casqueiro*. Como se sabe, os manguezais da baixada santista, notadamente os da atual cidade de Cubatão, constituem uma área de grande concentração de sambaquis:

Da serra do Cubatão descobre-se um dos panoramas mais soberbos que se podem oferecer aos olhos do viajante! Os plainos imensos e azulados do oceano traduzem apenas a sua imobilidade pelas franjas de branca espuma com que as ondas bordam as curvas arenosas das praias. A ilha, os canais, os aterrados, e lá ao longe as tôrres das igrejas e as paredes alvas das casas da cidade de Santos, ilha cercada pelo Cubatão e pelo Casqueiro, dois rios que deságuam na barra de S. Vicente, compõem uma paisagem admirável, cuja impressão se grava por muito tempo na memória, como a reminiscência agradável de um sonho da fantasia. (ZALUAR, 1975, p. 190).

Percepção mágico-religiosa: adorno, imaginário e litoraneidade

Além da visão utilitária dos depósitos de conchas encontrados em abundância ao longo do litoral brasileiro recém conquistado, os cronistas do século XVI descrevem também o hábito e a prática comum dos grupos indígenas da costa de utilizarem elementos marinhos como adornos, uma arte que remete

diretamente a uma *litoraneidade* profunda, como nos descreve Cardim na segunda parte de seu tratado:

Usão estes Indios ordinariamente, principalmente nas festas que fazem, de colares de búzios, de dademas de pennas e de umas *metaras* (pedras que metem no beijo de baixo) verdes, brancas, azues, muitas finas e que parecem esmeraldas ou cristal, são redondas e algumas tão compridas que lhe dão pelos peitos, e ordinario é em os grandes principaes terem um palmo e mais de comprimento: também usão de manilhas brancas de comprimento de um palmo e mais, e estes outros semelhantes são os arreios com que se vestem em suas festas, quer sejam em matanças dos contrários, quer de vinhos, e estas são as riquezas que mais estimão que quanto têm. (Parte II - DO PRINCIPIO E ORIGEM DOS INDIOS DO BRASIL – E DE SEUS COSTUMES, ADORAÇÃO E CERIMONIAS. DAS JOIAS E METARAS. CARDIM, F., 1980, p. 93).

E ainda, aponta a referência acerca das contas de búzios:

Antes de terem conhecimento dos Portuguezes usavão de ferramentas e instrumentos de pedra, osso, pau, cannas, dentes de animal, etc., e com estes derrubavão grandes matos com cunhas de pedra, ajudando-se do fogo; assim mesmo cavavão a terra com uns paus agudos e faziam suas *metaras*, contas de búzios, arcos e frechas tão bem feitos como agora fazem, tendo instrumentos de ferro, porém gastavão muito tempo a fazer qualquer cousa, pelo que estimão muito o ferro pela facilidade que sentem em fazer suas cousas com elle, e esta é a razão porque folgão com a communição dos brancos. (PARTE II - DO PRINCIPIO E ORIGEM DOS INDIOS DO BRASIL – E DE SEUS COSTUMES, ADORAÇÃO E CERIMONIAS. DAS FERRAMENTAS DE QUE USÃO. CARDIM, F., 1980, p. 94-95).

O mesmo se pode notar em Hans Staden e sua “Duas viagens ao Brasil”, citadas acima, ao descrever características detalhadas dos adornos de origem marinha dos tupinambás, observados enquanto achava-se prisioneiro. Em uma das passagens, Staden expõe o uso de *tembetás*, adorno labial lítico usado pelos tupinambás, além de outros tipos de adornos, como um colar de conchas⁷ usado pelo famoso cacique Cunhambebe:

Levantou-se êle então, passando por mim empavonado e muito lisonjeado. Segundo o costume, trazia *uma grande pedra redonda, de cor verde, enfiada ao lábio*. Além disso tinha um *colar branco de conchas de mariscos* – como as usam os índios à guisa de ornato, penduradas ao pescoço – que teria certamente seis braças de comprimento. Por tais ornatos vi que devia ser um dos mais nobres. (STADEN, 2008, p. 98. Grifo meu).

⁷ Existem, como material associado a sepultamentos encontrados em sambaquis, carapaças de moluscos e conchas que possuem um furo ao alto, provavelmente portados como adornos.

Em outro momento, o alemão se refere ao costume quase cotidiano da coleta de conchas para alimento, e também para ornar, quando uma índia lhe toma uma cruz de madeira “*de varas grossas*” que ele havia erigido para suas orações na aldeia em que se encontrava prisioneiro, a fim de utilizar sua madeira para a coleta de moluscos, além de mencionar literalmente o uso de conchas como contas de “*uma espécie de rosário*”:

Enquanto um dia me ausentei com eles para a pesca, uma mulher arrancou a cruz e deu-a ao seu marido. Para ela devia êle – como a madeira era redonda – esfregar-lhe em cima das *conchas dos caracóis marinhos*, de que *fazem uma espécie de rosário*. Isso muito me desgostou. (STADEN, 2008, p. 136. Grifo meu).

Hans Staden é bastante minucioso ao dedicar todo um capítulo (nº 16) de seu segundo livro a descrever os ornamentos indígenas. Mais uma vez, o tembetá é citado como adorno labial, colocado em um orifício que as crianças possuem desde a infância: “*Enfia-se então no mesmo uma grande pedra verde. A extremidade superior, delgada, coloca-se para dentro, na boca, e a espessa pendura-se externamente.*” (STADEN, 2008, p. 186). O cronista cita também outros tipos de adorno confeccionados em material malacológico:

Confeccionam um outro ornato da concha de um grande caracol marinho, que chamam matapú. Tem a forma de meia-lua e é branco como neve. Penduram-no à volta do pescoço. Chama-se bojeci. Da casa do caramujo marinho fazem também pequenos discos brancos, que enrolam em torno do pescoço. Êstes tem a grossura de um talo de trigo e dá muito trabalho fabricá-los. (STADEN, 2008, p. 186).

Em outra passagem, expõe o uso de ossos de dentes de tubarão como pontas de projéteis: “*(...) usam arcos. A ponta das flechas é de osso, que aguçam e amarram-lhes ao cabo, ou ainda de dentes de peixes. Êstes são chamados tubarões, e se pescam no mar*” (STADEN, 2008, p. 178). Como sabemos, o encontro de dentes de tubarão entre os materiais componentes dos sambaquis é uma constante, e amplamente descrito na bibliografia especializada.

Jean de Léry, outro importante cronista exposto anteriormente, também menciona o hábito entre os indígenas que remonta a uma litoraneidade marcante dessa cultura ao apresentar, além do uso de adornos labiais pelos tupinambás, o uso de outros tipos de ornamentos confeccionados em matriz malacológica, neste caso, brincos femininos manufaturados a partir de grandes conchas marinhas “*brancas e roliças*”:

Diferem também dos homens pelo fato de não furarem os lábios nem as faces, não usando, por conseguinte, pedras no rosto. Mas furam de um modo

horrível as orelhas para nelas colocarem arrecadas e quando as retiram podem facilmente meter os dedos nos buracos. Esses brincos são feitos com grandes conchas marinhas, brancas, roliças e do tamanho de uma vela de sebo meã, à qual chamam *vinhol*; e quando se penteiam, os penduricalhos caem-lhes sobre os ombros e o peito e de longe parecem orelhas de cão perdigueiro. (Cap. VIII - Índole, força, estatura, nudez, disposição e ornatos dos homens e mulheres brasileiros, habitantes da América, entre os quais permaneci quase um ano. (LÉRY, 2007, p. 119).

Como podemos perceber em diversas passagens das obras de nossos cronistas, além de uma visão meramente utilitária dos sambaquis, há informações que nos revelam uma perplexidade, ou ao menos um desconforto, diante do novo e do exótico, traduzidas por uma “explicação” *mágico-racional-religiosa* de uma natureza e humanidades que, para o europeu recém chegado, parecia ser um mundo de pernas para o ar, onde os filhos de Deus comiam-se uns aos outros. Nos documentos consultados, há descrições de costumes e de usos de elementos de natureza litorânea que foge a uma questão meramente prática ou utilitária como o alimento ou a cal, os adornos em conchas nos remetem a um outro estágio de percepção desses autores. Um dos traços culturais sutis dessa litoraneidade é exposto por Jean de Léry ao narrar um curioso acontecido entre os tupinambás, quando, ao definirem/entenderem o nome do calvinista francês, ou seja, sua pessoa/essência, o agradiam como *ostra*:

O intérprete me avisara de que os selvagens iriam principalmente querer saber o meu nome. Dizer-lhes que me chamava Pedro, Guilherme ou João parecia-me inútil pois não conseguiram reter o nome na memória nem pronunciá-lo corretamente; e assim de fato ocorreu quando trocaram o *Jean* por *Niam*. Fazia-se necessário portanto dar um nome que eles conhecessem e como Léry em sua língua quer dizer **ostra**, disse chamar-me *Léry-assú*, isto é, ostra grande. Mostraram-se os selvagens muito satisfeitos, rindo-se entre exclamações e dizendo: Em verdade eis um bonito nome e ainda não vimos nenhum *mair* com nome igual. Posso garantir que nunca Circe metamorfoseou em homem tão linda ostra e que Ulisses não disqueteou com ela mais sutilmente do que eu fiz com os selvagens desde então. E note-se que os selvagens têm tão boa memória que nunca mais esquecem o nome dado nem que fiquem cem anos sem rever a pessoa. (Cap. XVIII - O que podemos chamar leis e policiamento entre os selvagens; modo por que tratam os visitantes amigos; prantos e discursos festivos das mulheres por ocasião das boas-vindas. LÉRY, 2007, p. 235. Negrito meu).

Esse profundo imaginário marinho dos povos que maior contato travaram com os conquistadores, transparece de maneira bastante efetiva em

duas narrativas em particular, que descrevem um mesmo fenômeno e que nos chamam atenção não apenas por atestarem essa litoraneidade dos povos indígenas, mas por revelarem a mentalidade medieval de quem as descreveu: são relatos acerca dos *homens marinhos* de Gabriel Soares de Sousa.

Não há dúvida senão que se encontram na Bahia e nos recôncavos dela muitos homens marinhos, a que os índios chamam pela sua língua upupiara (nota nº 489: Upupiara, Ipupiara oi Igpupiara. Do tupi *ípupiàra*, aquele que vive nas águas ou homem marinho), os quais andam pelo rio de água doce pelo tempo do verão, onde fazem muito dano aos índios pescadores e mariscadores que andam em jangadas, onde os tomam, e aos que andam pela borda da água, metidos nela; a uns e outros apanham, e metem-nos debaixo da água, onde os afogam; os quais saem à terra com a maré vazia afogados e mordidos na boca, narizes e na sua natura; e dizem outros índios pescadores que viram tomar estes mortos, que viram sobre água uma cabeça de homem lançar um braço fora dela e levar o morto; e os que isso viram se recolheram fugindo à terra assombrados, do que ficaram tão atemorizados que não quiseram tornar a pescar daí a muitos dias; (...). (Cap. 127 - Que trata dos homens marinhos. SOUSA, 2010, p. 268).

E de Fernão Cardim:

Estes homens marinhos se chamão na língua Igpupiára; têm-lhe os naturaes tão grande medo que só de cuidarem nelle morrem muitos, e nenhum que o vê escapa; alguns morrerão já, e perguntando-lhes a causa, dizião que tinhão visto este monstro; parecem-se com homens propriamente de boa estatura, mas têm cabellos compridos, e são formosas; achão-se estes monstros nas barras dos rios doces. Em Jagoaripe sete ou oito léguas da Bahia se têm achado muitos; em o anno, de oitenta e dois indo hum Indio pescar, foi perseguido de hum, e achlendo-se em sua jangada o contou ao senhor; o senhor para animar o Indio quis ir ver o monstro, e estando descuidado por huma mão forá da canoa, pegou delle, e o levou sem mais apparecer, e no mesmo anno morreu outro Indio de Francisco Lourenço Caeiro. Em Porto-Seguro se vêem alguns, e já têm morto alguns Indios. O modo que têm em matar He: abração-se com a pessoa tão fortemente beijando-a, e apartando-a comsigo que a deixão feita toda em pedaços, ficando inteira, e como a sentem morta dão alguns gemidos como de sentimento, e largando-a fogem; e se levão alguns comem-lhes sómente os olhos, narizes e pontas dos dedos dos pés e mão, e as genitálias, e assi os achão de ordinário pelas praias com estes cousas menos. (Cap. XVI - HOMENS MARINHOS E MONSTROS DO MAR. CARDIM, F., 1980, p. 50).

Considerações finais

O uso dos cronistas como fonte documental para o fazer arqueológico, a partir deste trabalho inicial, nos parece bastante razoável e importante, notadamente em relação aos estudos sobre os sambaquis. Os escritos dos autores consultados, amplamente utilizados como fonte etnográfica e historiográfica para variados temas, trazem informações relevantes acerca do modo de vida de culturas que habitaram, muitas vezes, os mesmos locais dos povos construtores de sambaquis, como o litoral meridional e sul do Brasil. Essas culturas desfrutaram das mesmas fontes de captação de recursos e, mesmo sendo horticultores, praticaram a pesca e a coleta dos mesmos espécimes amplamente consumidas pelos povos sambaquieiros.

Tais culturas travaram grande contato com os conquistadores recém ingressos, oriundos de variados países, de diferentes estratos sociais, interesses e religiões. Os relatos consultados demonstraram que, muitas das culturas descritas, especialmente as que habitavam os mesmos locais dos povos construtores de sambaquis, possuíam uma grande intimidade com o ambiente marinho, uma *litoraneidade* explícita em diversas ocasiões e narradas pelos cronistas do século XVI, como o hábito de *mariscar*, a pesca cotidiana, a navegação e o uso de conchas como adornos. Entretanto, acreditamos que a maior contribuição dessas fontes documentais para o estudo sobre sambaquis reside nas descrições, diretas e muitas vezes indiretas, dos amontoados de conchas ao longo do litoral de um Brasil recém criado, muitas vezes valendo-se do nome sambaqui, e que foram destruídos para o fabrico de cal.

Os relatos aqui transcritos são apenas uma parcela desses variados cronistas, uma amostra que procurou verificar a viabilidade e eficácia dessas fontes documentais para os estudos arqueológicos, que deve ainda ser acrescida de mais autores, a fim de evidenciar, com maior abrangência, as primeiras descrições modernas produzidas a respeito dos sambaquis. Tais fontes podem nos auxiliar com informações valiosas sobre a localização desses antigos bens culturais, ajudando-nos a estimar a grande quantidade de sítios arqueológicos do tipo sambaqui existentes no momento do contato e nos primeiros anos de colonização.

Referências

- CARDIM, Fernão, 1540? – 1625. *Tratado da terra e gente do Brasil*. Introdução de Rodolfo Garcia. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Tradução e notas de Sérgio Millet; bibliografia Paul Gaffarel; Colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas Plínio Ayrosa. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2007.
- MADRE DE DEUS, Fr. Gaspar, 1715-1800. *Memórias para a História da Capitania de S. Vicente hoje chamada de S. Paulo*. Introdução de Afonso de E. Taunay. Biblioteca Histórica Paulista. Direção de Afonso de E. Taunay. LOCAL: Livraria Martins Editôra S.A., 1953.
- NÓBREGA, Manoel da, 1517-1570. *Cartas do Brasil: 1549-1560*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.
- PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: formação e sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SANIT-HILAIRE, Auguste de, 1779-1853. *Viagem à província de São Paulo*. Tradução de Regina Regis Junqueira; apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- SOUSA, Gabriel Soares de (Década de 1540 – 1591). *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Organização de Fernanda Trindade Luciani. São Paulo: Hedra, 2010.
- STADEN, Hans, séc.16. *Dois viagens ao Brasil*. Tradução de Guiomar de Cravalho Franco. Transcrito em alemão moderno por Carlos Fouquet, prefácio de Mário Guimarães Ferri, introdução e notas de Francisco de Assis Carvalho. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2008.
- ZALUAR, Augusto Emílio, 1825-1882. *Peregrinação pela província de São Paulo: 1860-1861*. Prefácio de Mário Guimarães Ferri. São Paulo: Ed. Itatiaia, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.